

**FACULDADE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Juliana Souto Rodrigues

O PAPEL DO PSICANALISTA NA POLÍTICA

Santo Antônio de Pádua / RJ
2023

JULIANA SOUTO RODRIGUES

O PAPEL DO PSICANALISTA NA POLÍTICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Santo Antônio de Pádua como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Adriana Chaves de Oliveira Ruback, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Prof. Allan de Aguiar Almeida, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

Prof. Dinart Rocha Filho, Mestre – Faculdade Santo Antônio de Pádua

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram para a realização deste artigo. Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e orientação dos professores Adriana Chaves de Oliveira Ruback e Dinart Rocha Filho. Suas contribuições ajudaram a refinar as ideias e aprimorar a qualidade deste artigo.

Agradeço também à minha família, especialmente ao meu pai, meu grande incentivador.

O PAPEL DO PSICANALISTA NA POLÍTICA

Juliana Souto Rodrigues, Graduanda em Psicologia - FASAP
Orientadora: Adriana Chaves De Oliveira Ruback, Mestre – FASAP

RESUMO

O artigo aborda a complexa interseção entre política e psicanálise no cenário brasileiro contemporâneo, destacando os impactos das eleições de 2018 e 2022, marcadas por discursos inflamados de ódio e disseminação de notícias falsas. O papel do psicanalista nesse contexto é analisado, com ênfase na importância de considerar o espaço público como um espaço simbólico que influencia a subjetividade das pessoas. A psicanálise é vista como uma ferramenta que não apenas alivia o sofrimento individual, mas também promove a conscientização, resistência e transformação social. O texto também explora os efeitos psicológicos dos discursos de ódio e das *fake news* nas eleições e como esses fenômenos afetaram os pacientes em consultórios psicanalíticos. A relação entre psicanálise e política é discutida, enfatizando que o psicanalista não pode ser cúmplice de determinadas posições, mas também não deve interferir de forma partidária. Em vez disso, ele deve promover a ética da comunicação honesta e o desejo de busca pelo conhecimento. A psicanálise e a política estão intrinsecamente ligadas, e o papel do psicanalista vai além do consultório, envolvendo o compromisso de refletir, investigar e promover o conhecimento para contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Psicanálise; Política; Ética.

INTRODUÇÃO

A interação entre a política e a psicanálise emergiu como um tópico de considerável importância no panorama atual do Brasil. Nos últimos anos, o contexto político do país passou por transformações profundas e impactantes. As eleições de 2018 e 2022, caracterizadas por discursos inflamados de ódio e pela disseminação generalizada de notícias falsas, deixaram marcas na população. O resultado desse ambiente caótico foi sentido nos consultórios psicanalíticos, onde indivíduos afetados por essas dinâmicas políticas tumultuadas buscaram refúgio para suas angústias e aflições.

Neste contexto, torna-se inegável que, assim como é imperativo atuar de maneira ética na prática clínica, também é impossível para os psicanalistas ignorarem o contexto político no qual estão inseridos. O dilema se torna evidente, pois os

psicanalistas são seres políticos, com suas próprias convicções e valores, mas que têm a responsabilidade ética de não suggestionar seus pacientes. O campo clínico, por sua vez, é constantemente atravessado por questões externas, tornando-se impossível dissociar o que ocorre dentro do consultório dos acontecimentos políticos e sociais que impactam a sociedade.

Este artigo tem como objetivo geral analisar a relevância do papel do psicanalista na esfera política, seja por meio da reflexão teórica, do engajamento social ou da atuação na clínica. Além disso, busca-se identificar como a psicanálise concebe as fronteiras entre o público e o privado, explorando a estrutura do espaço público e sua visão emancipatória diante das opressões sociais. Também serão objetos de análise os efeitos psicológicos dos discursos de ódio e das *fake news* utilizadas nos processos eleitorais brasileiros, bem como a relação entre a vida psíquica do indivíduo atendido na clínica e os conflitos presentes na sociedade.

Ao longo deste artigo, por meio de uma revisão de literatura, serão explorados esses temas com o intuito de proporcionar uma compreensão mais profunda da interação complexa entre política e psicanálise, bem como a importância do papel do psicanalista no contexto político brasileiro contemporâneo.

ESTRUTURA DO ESPAÇO PÚBLICO

A psicanálise não estabelece uma dicotomia entre o espaço público e o espaço privado. Historicamente, essa distinção foi concebida entre o ambiente doméstico e o ambiente exterior, como a rua. Do ponto de vista do psicanalista, seu local de trabalho é considerado como privado, seja ele um consultório particular ou uma instituição de saúde especializada. Esses ambientes são criados e organizados com o propósito de proporcionar um espaço seguro e confidencial, onde os pacientes se sintam à vontade para explorar seus pensamentos, sentimentos e experiências pessoais.

Entretanto, é importante notar que o conceito de espaço público não deve ser limitado apenas à dimensão territorial ou geográfica. Na perspectiva psicanalítica, o espaço público engloba igualmente o âmbito simbólico. Dentro desse contexto, o espaço público abarca as esferas das interações interpessoais, da cultura, das normas sociais e das influências coletivas que modelam a psicologia individual. Tais influências podem exercer impacto sobre a subjetividade de um indivíduo e moldar a maneira como ele se percebe a si mesmo e se relaciona com os outros.

Quinet (2021) utiliza o termo *pólis* para abordar a atuação do psicanalista perante a sociedade. Segundo o autor, a *pólis* seria um lugar de convivência dos indivíduos com as instituições, convenções e laços sociais que se organizam para que as pessoas convivam entre si. Lacan (2003, p. 375) chamava a *pólis* de “cidade dos discursos” e, segundo ele, as pessoas iriam até lá para exercerem “profissões impossíveis”, que seriam governar, educar, psicanalisar e fazer desejar.

A resposta política do psicanalista é muito singular na nossa civilização. Ela se diferencia da ciência por levar em consideração o sujeito do desejo que esta rejeita; se diferencia da religião e suas práticas por não ceder à crença num Outro que não existe. A política do psicanalista se opõe ao Um ditatorial das massas e das seitas e ao discurso do capitalista que forclui a castração, a falta, a diferença. Ao contrário, o analista, ao ocupar a posição de rebotalho, que é própria da sua ética, fez valer a análise das questões tanto de mal-estar do sujeito sofredor quanto do mal-estar da civilização (QUINET, 2021, p.12)

A distinção entre o espaço público e o privado e a suposição de que a democracia seria um conceito aplicável somente as instituições de espaço público faz com que a importância da psicanálise para a teoria política não seja percebida.

Ao longo da história, à medida que a ideia de democracia avança em termos de extensão de direitos e inclusão de novos atores, podem surgir desafios em relação à governança eficaz. O ideal de autogoverno, que enfatiza a participação e a igualdade de todos os cidadãos na tomada de decisões coletivas, pode se deparar com obstáculos práticos quando se trata da diversidade e heterogeneidade das opiniões, interesses e necessidades dos diferentes grupos da sociedade.

Segundo Dunker (2022, p. 141), um brasileiro “nascido na década de 1980 tem de 50% a 100% mais chances de considerar a democracia essencial que alguém nascido na década de 1960”, que aprecia a democracia da mesma forma que alguém que nasceu na década de 1930. Nos Estados Unidos, entretanto, 71% dos nascidos na década de 1930 consideram a democracia essencial, enquanto apenas 29% dos nascidos após 1980 enxergam a sua importância.

Quando a democracia é entendida como valor comum, ela perde força e outros valores ganham destaque, como segurança e economia. A experiência da privação pode levar as pessoas a valorizarem mais a liberdade e a buscar sua restauração. A luta por liberdade e autonomia tem sido um motor de transformação social ao longo da história, impulsionando movimentos sociais e políticos que buscam a superação de opressões e a conquista de direitos e liberdades fundamentais.

Mais importante que a extensão territorial do espaço público é quem de fato o ocupa. Para a classe mais privilegiada economicamente, o espaço público pode significar civilização, diferença entre os interesses da pessoa e da coisa pública e redução da interferência estatal. Para os mais pobres pode significar omissão do Estado.

Dunker (2022, p. 143) lembra que, para as populações periféricas, “a rua já está dentro da casa e o público invade o privado não pelo excesso, mas pela falta”. Para o autor, a solução para a desigualdade seria a valorização do comum como experiência de compartilhamento, já que “a lógica do condomínio não será desfeita apenas pela derrubada dos muros”.

A psicanálise, ao examinar o espaço público, busca encontrar formas de evitar o sofrimento gerado pelos conflitos sociais. Mas a cura para esse sofrimento não pode ser a adaptação do indivíduo a estruturas sociais discriminatórias. A psicanálise busca proporcionar uma compreensão mais profunda dos fatores psicológicos, sociais e culturais que contribuem para o sofrimento e para a reprodução de desigualdades.

Diante dos sintomas sociais brasileiros – a iniquidade do pacto social, descrita por Hélio Pellegrino, o bovarismo, o condomínio ou nossa incapacidade de restaurar o sonho, como argumentou Tales Ab’Sáber - , seria preciso propor uma ocupação que não fosse apenas a consecução de um suplemento de saber, ainda que crítico, mas uma ação direta que tocasse as três questões legadas por Lacan quanto à implantação da psicanálise na cidade: no imaginário, as identificações e seus efeitos de alienação em massa; no simbólico, o mito do Édipo, com seus efeitos na relação entre a subjetivação da lei em autoridade e em violência; e no real, a segregação, com seus paradigmas de invisibilidade, humilhação e morte. (DUNKER, 2022, p.144)

A psicanálise deve pensar meios para uma emancipação social. Ela acolhe aqueles que são considerados inadequados e os trata como sujeitos, promovendo uma emancipação em relação ao discurso do Outro, que apresenta sempre uma ideologia dominante.

Esse acolhimento incondicional e a ênfase na escuta podem proporcionar um espaço seguro para aqueles considerados diferentes ou que sejam marginalizados pela sociedade. Quinet (2021, p. 63) afirma que a psicanálise é “emãecipatoria”, pois dá ao sujeito a chance de sair da dominação.

Dessa forma, a psicanálise busca não apenas aliviar o sofrimento individual, mas também promover a conscientização, a resistência e a transformação social. A psicanálise pode ajudar os indivíduos a se posicionarem criticamente diante das

estruturas discriminatórias e a buscar caminhos para uma sociedade mais justa e inclusiva.

UMA HISTÓRIA QUE FEZ PENSAR

O período que antecedeu as eleições presidenciais de 2018 foi marcado pela intensa propagação dos discursos de ódio. Segundo Checchia (2019, p. 22), o ódio se tornou uma estratégia eleitoral, pois “suscitar o ódio naqueles que são avessos ao ódio foi um meio de defesa por identificação: todos odeiam!”

O medo provocado naqueles que se opõem aos enunciados de ódio foi tão intenso, que o pavor de ver o candidato que pregava este tipo de discurso ser eleito fez com que a parte contrária também apelasse para a disseminação de enunciados com conteúdos deletérios.

Contudo, a novidade nessa onda de ódio é que ela não age em nome da identidade de cada qual, ela não fala sobre a certeza de ‘quem somos nós’, mas da certeza de quem é o outro. Surge assim a crença de que somos o que somos, não porque pertencemos a este ou aquele clube, mas porque não somos do clube do vizinho. Ou seja, a nossa percepção política, ainda que parcial ou equivocada, muda nossa relação com o mundo e a interpretação de quem são esses outros com quem vivemos. Um discurso que pregue que só existem homens e mulheres, loucos e normais, judeus e gregos, ricos e pobres, nordestinos e sulistas, para em seguida perguntar: De que lado você está? (DUNKER, 2017, p. 283)

Esses discursos frequentemente incluem mensagens de intolerância, preconceito, hostilidade e agressão direcionadas a grupos específicos de pessoas com base em características como raça, gênero, religião e orientação sexual.

Os efeitos psicológicos dessa propagação de ódio e mentiras fez com que psicanalistas começassem a notar em seus consultórios um aumento significativo no número de pacientes durante o período eleitoral (BRUM, 2018).

Alguns pacientes afetados por esse fenômeno social de circulação de ódio apresentaram intensificação de sintomas já existentes, enquanto outros apresentaram questões diversas, e as mais comuns foram:

Ansiedade, cuja manifestação era diversa, todavia comum em diferentes sujeitos: busca frenética de notícias nos sites jornalísticos e nas redes sociais; uso quase constante e compulsivo das redes sociais; muito cansaço e estresse pelas tentativas de diálogo; discussões e mesmo brigas em tais redes e nas relações reais; dificuldade para dormir, sono agitado; medo de

sofrer alguma violência na rua ou mesmo de familiares – em alguns casos, um medo exacerbado, configurado numa espécie de paranóia fundamentada; depressão, desânimo, falta de energia para tocar a vida – o pouco de energia restante sendo utilizada para os embates políticos; angústia. (CHECCHIA, 2019, p. 23)

As eleições presidenciais de 2022 também foram caracterizadas pela ampla disseminação de mensagens que promoviam o ódio e veiculavam informações falsas. Os estudantes que estavam realizando estágios no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Faculdade Santo Antônio de Pádua (FASAP) deveriam estar conscientes da possibilidade de atender pacientes que tenham sido impactados pelo clima tenso do período eleitoral.

Uma paciente atendida pela clínica escola da FASAP apresentou uma piora no quadro de ansiedade no período compreendido entre o primeiro e o segundo turno das eleições para Presidente da República em 2022. Era uma jovem de 24 anos, negra, periférica, evangélica, que trabalhava como cuidadora de idosos. Ela havia acabado de se formar no curso de Pedagogia em uma universidade federal e iniciado o mestrado na mesma instituição pública de ensino.

No primeiro turno das eleições presidenciais ela votou em um candidato com ideias mais progressistas e defensor de políticas sociais, influenciada pelos colegas de faculdade. Após contar seu voto para a família e frequentadores da mesma igreja, foi ofendida e constantemente bombardeada com conteúdos que favoreciam candidato oposto, de viés conservador, para que mudasse seu voto no segundo turno.

A paciente estava bastante confusa com o excesso de informações, situação que também tem sido observada por outros psicanalistas:

O paciente chega tal qual uma criança, desorientada após a separação litigiosa dos pais, com dois discursos opostos e convocada a tomar partido quando deseja os pais unidos pois, crê, todos ganharão com isso. Ela, no entanto, desconhece as razões mais profundas do conflito. É central perceber onde o Brasil errou. Mas a retomada só será possível após se superar a convicção delirante de que quem errou foi o outro, posição egóica que aparece quando a raiva domina. (DUNKER, 2022, s/p)

Na análise, o paciente precisa ser escutado, deixar o inconsciente se manifestar. A psicanálise é ferramenta para se livrar do autoritário e do prazer de julgar o outro (DUNKER *et al*, 2022). Durante as sessões, nas quais a paciente podia falar livremente, sabendo que não seria julgada pelas suas posições, era possível perceber que ela apresentava um conflito.

A psicanálise parte do mesmo princípio democrático que a política: o conflito entre os diferentes desejos deve ser apresentado em livre palavra, sem censura prévia, e tratado por ela, numa experiência de intimidade com um outro, o analista, nos diversos lugares de cada processo analítico. O estabelecimento de uma relação analítica é o que nos permitirá pensar e intervir na vida, no encontro com o outro, num contexto social de busca de sentidos e de saídas criativas. No trabalho com o inconsciente, o analista procura denunciar o sistema de crenças e escolhas de uma realidade imposta, que se contrapõe à vida e a torna contrariada. (MORI, 2018, s/p)

O discurso da paciente, embora oscilasse entre dois polos políticos, era mais conservador, muito influenciado pela religião. Certa vez chegou assustada à sessão porque assistiu um vídeo de um satanista apoiando o candidato de esquerda. O vídeo, segundo o Projeto Comprova, do Portal Uol, começou a circular nas redes sociais no dia 03 de outubro de 2022 e foi excluído posteriormente por determinação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

A paciente, que foi criada sob a influência da religião e tinha um medo profundo de enfrentar um destino infernal, ficou apreensiva com a ideia de votar em um candidato que parecia ser adorado por Satanás. Conforme a lógica ensinada por seu líder religioso, se um candidato era considerado adorado pelo diabo, o outro era interpretado como a escolha divina.

Na análise, o paciente se vê no espelho, inclusive seus temores, que, ao serem enfrentados, libertam. Observo no Brasil um quadro de psicose, com um lado delirante e outro satisfeito em relação a um mesmo evento, as eleições. Em um desses lados, constata-se fenômeno muito conhecido, no qual se deposita tudo em um “mito”, um poder, um saber, uma onisciência sobrenatural que oferece um sentimento de irmandade, de pertencimento. Mas, quando esse mito cai, abre-se um vácuo, reza-se na frente de quartel em busca de um novo salvador. A fantasia do rei revela alienação sobre figuras de autoridade e o próprio caráter autoritário do paciente. Este é um caso bem trabalhoso, mas não impossível de se tratar. Ele precisa fazer o luto, reconhecer a perda. E depois entender o que de fato perdeu: a fantasia da salvação da vida, do preenchimento de algum vazio, do amor que nunca teve, da falta de paixão em sua vida ordinária? (DUNKER *et al*, 2022, s/p)

A paciente frequentemente me questionava sobre a veracidade dos vídeos e conteúdos relacionados aos candidatos que estavam circulando nas redes sociais. Nessas situações, eu a aconselhava a verificar a veracidade das informações em fontes de mídia tradicional e agências de verificação de fatos, mas ela desejava conhecer a minha opinião pessoal.

Embora analistas também sejam seres políticos, não devem sugestionar os seus pacientes:

O modo de ação da sugestão pode comparar-se ao do higienista, que combate o alcoolismo e a tuberculose preconizando incansavelmente a abstinência e a desinfecção. A análise agiria, antes, à maneira do sociólogo que pesquisa e tenta atenuar os males sociais que estão efetivamente na origem do alcoolismo e da tuberculose (FERENCZI, 1991 *apud* JORGE, 2021, p.30).

Como qualquer indivíduo, a paciente tem o direito de exercer seu voto da maneira que considerar mais apropriada. No entanto, o papel do psicanalista é delicado e implica uma postura ética que envolve não influenciar diretamente as escolhas políticas do paciente.

No entanto, desmentir uma notícia falsa não necessariamente constitui uma interferência, desde que seja feito de uma maneira que preserve a integridade do processo terapêutico. Quinet (2021, p. 52) ensina que “ao levar para a prática sua postura ética, o analista não pode ser cúmplice de determinadas posições”.

A psicanálise é antiterrorista, não aceitando, portanto, a incitação ao ódio e à violência perpetrados contra aqueles que questionam o poder ou que, com suas singularidades, tentam vive-las numa sociedade espremida entre o conservadorismo dogmático e o preconceito religioso, étnico, sexual racial e social. (QUINET, 2021, p. 52)

Manifestar-se de forma partidária não seria ético por parte do psicanalista, mas faz parte do seu dever esclarecer o paciente sobre a realidade que o cerca, sua posição social, segregação econômica, racial, sexual, seus medos, inseguranças e opressões. Isso não significa que os psicanalistas devam impor suas próprias opiniões políticas aos pacientes, mas sim que devem ajudar os pacientes a compreenderem como essas questões podem influenciar seu mundo interno.

A PSICANÁLISE COMO AGENCIAMENTO DA LEITURA SOCIAL

As questões contemporâneas e os anseios sociais não podem ser ignorados pelo psicanalista, pois ele não deve ficar alheio às dificuldades de sua época. Pelo contrário, a psicanálise desempenha um papel crucial na análise e compreensão dos desafios que se apresentam na atualidade.

Nas eleições mais recentes, o Brasil testemunhou uma disseminação generalizada de desrespeito, discursos de ódio e manifestações preconceituosas que dominaram as conversas e publicações, especialmente na internet. Os discursos que

promovem violência, segregação e preconceito, que se tornaram mais intensos durante o período eleitoral de 2018, parecem encontrar certa tolerância e, em certos casos, uma sensação de legitimidade até os dias atuais.

Diante desse cenário de expansão do ódio, do racismo, da homofobia e de tantas outras formas de discriminação, o psicanalista, enquanto indivíduo inserido em um contexto político específico, não pode se abster de expressar sua perspectiva como cidadão.

Deve o psicanalista calar-se diante dos ataques aos sujeitos dessubjetivados e transformados em abjetos pela sociedade como negros, gays, índios, pobres e até mesmo as mulheres em geral nos regimes totalitários e nas sociedades convencionais em vias de retrocesso civilizatório? Calar-se diante dos discursos de ódio, da apologia a tortura, das políticas de segregação, e do empuxo-ao-linchamento daqueles que não marcham no mesmo passo do discurso do Outro como ideologia dominante? Calar-se diante das atrocidades do discurso capitalista que foraclui a castração, negando a falta estrutural, e conseqüentemente o desejo como estruturalmente insatisfeito prometendo a ilusão de completar a divisão subjetiva com uma mercadoria? (QUINET, 2021, p. 71)

A clínica psicanalítica é um dos meios pelos quais o analista tem acesso ao que acontece na sociedade e seus efeitos no indivíduo: “o que se passa na *pólis* se escuta no divã, pois o real da política sempre invade mais ou menos a clínica. A *pólis* comparece no divã” (QUINET, 2021, p. 73).

O receio de integrar-se na sociedade, observado em indivíduos pertencentes a grupos ditos minoritários, como negros, gays, mulheres, opositores políticos, professores e servidores públicos, é um fenômeno que se tornou evidente na prática clínica. No entanto, esse medo e a ansiedade associada a ele têm assumido novas formas recentemente. Essas manifestações emergem a partir de conflitos e rupturas nas relações familiares, entre amigos e colegas devido a questões políticas.

O ato de ouvir o medo que permeia a contemporaneidade, na perspectiva de um psicanalista, envolve a habilidade de identificar as conexões que existem entre o inconsciente de cada paciente e esse medo. Em momento algum o objetivo é realizar uma análise sociológica durante as sessões.

Porém, em um período em que a possibilidade de perseguição se faz presente, torna-se ainda mais imperativo compreender as fantasias inconscientes que se entrelaçam na percepção do mundo que o paciente recebe.

A prática clínica sempre está intrinsecamente ligada a uma política que norteia o processo terapêutico, da mesma forma que não existe clínica nem política desprovida de um alicerce ético.

A ética do desejo se vincula a falta no Outro, cortando assim com o poder atribuído pelos significantes colocados no pedestal dos ideais e projetados em quem quer que seja. Assim não dá para acreditar em ninguém que encarne esse grande Outro sem falta e divinizado. Daí a política ser vinculada à ética do desejo (QUINET, 2021, p. 70).

Na psicanálise, a palavra detém um valor ético essencial. Durante uma análise, o sujeito compartilha sua história com o propósito de interromper padrões repetitivos, utiliza a fala para esvaziar conteúdos, assumindo a responsabilidade pelo seu inconsciente. O mesmo deve ocorrer com a sociedade, tem o dever de conhecer sua história para evitar erros futuros, e isso também se dá pela palavra. Não se pode ignorar a herança cultural de sua própria história.

O homem da cultura é atravessado pela linguagem; para que não se torne um puro objeto do outro, precisa que a sociedade da qual faz parte o legitime, o proteja, sendo essa reivindicação uma forma de contenção da agressividade, um reequilíbrio na sua economia psíquica. Sem isso, as relações ficam sujeitas à arbitrariedade do mais forte e à barbárie (FERRI *et al*, 2020, p. 44).

O papel do psicanalista na sociedade envolve promover o desejo de busca pelo conhecimento e aderir à ética da comunicação honesta. Isso implica, acima de tudo, dedicar-se à reflexão, à leitura, à investigação e ao debate, a fim de compreender a estrutura das interações coletivas e das relações sociais no contexto da experiência do prazer e na conjuntura social que influencia as subjetividades de uma determinada época.

Nesse sentido, o psicanalista deve evitar apoiar a ocultação ou deturpação da verdade histórica de uma comunidade ou nação e não deve ficar em silêncio quando ocorrem negações ou ataques às instituições e profissões que promovem a pesquisa e o conhecimento. Um psicanalista tem o direito de se posicionar de acordo com suas próprias crenças pessoais, desde que isso não prejudique a qualidade de seu trabalho terapêutico.

O psicanalista coleta na sua clínica as expressões individuais do mal-estar na civilização. A influência da sociedade se faz presente diariamente em cada sessão de

análise, trazendo consigo os reflexos dos vínculos sociais, bem como os seus dilemas e obstáculos. Uma das funções do analista é trazer para a esfera pública o conhecimento que a psicanálise proporciona em seu consultório, efetuando assim a disseminação da psicanálise. Como ensina Quinet (2021, p. 163), “não há clínica sem ética e não há psicanálise sem política”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário político brasileiro contemporâneo, marcado por discursos inflamados de ódio, disseminação de notícias falsas e polarização, teve impactos profundos na sociedade e nas práticas clínicas dos psicanalistas. Este artigo buscou analisar a relevância do papel do psicanalista na política, destacando a interseção complexa entre a psicanálise e a esfera pública.

Ficou evidente ao longo deste estudo que, assim como é fundamental atuar de maneira ética na prática clínica, também é impossível para os psicanalistas ignorarem o contexto político no qual estão inseridos. Os dilemas éticos surgem à medida que os psicanalistas se encontram divididos entre suas próprias convicções políticas e a responsabilidade de não influenciar seus pacientes.

A análise da estrutura do espaço público revelou que a psicanálise não faz uma distinção rígida entre o público e o privado, considerando o espaço público não apenas em termos territoriais, mas também simbólicos. A *pólis*, como um espaço de convivência, torna-se relevante na atuação do psicanalista, que busca compreender as influências coletivas que moldam o indivíduo.

Os efeitos psicológicos dos discursos de ódio e das *fake news* utilizadas nas eleições foram evidentes nos consultórios psicanalíticos, com pacientes apresentando ansiedade, depressão e angústia. A psicanálise, ao acolher os sujeitos marginalizados e promover uma compreensão mais profunda dos fatores psicológicos, sociais e culturais que contribuem para o sofrimento, desempenha um papel importante na transformação social.

A relação entre a prática clínica e a política se tornou mais evidente, especialmente em um contexto em que o medo de retaliações políticas se faz presente. Escutar o medo da contemporaneidade na clínica envolve compreender as fantasias inconscientes que se entrelaçam na percepção do mundo dos pacientes.

A ética da comunicação honesta e a promoção do desejo de busca pelo conhecimento emergem como elementos cruciais na atuação do psicanalista na sociedade. Este profissional não pode se posicionar a favor de ocultar ou distorcer a verdade histórica, nem pode permanecer em silêncio diante de negações ou ataques às instituições que promovem pesquisa e conhecimento.

A psicanálise e a política estão intrinsecamente ligadas, e o papel do psicanalista vai além do consultório. Ele tem o dever de refletir, investigar, debater e promover o conhecimento, contribuindo para uma sociedade mais justa e inclusiva. O psicanalista tem a responsabilidade de ser um agente de transformação social, utilizando a psicanálise como uma ferramenta para compreender e enfrentar os desafios políticos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

BRUM, E. O ódio deitou no meu divã. **El País Brasil**. Publicado em 11/10/2018. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/10/politica/1539207771_563062.html. Acesso em 19/08/2023.

CHECCHIA, M. A. Reflexões sobre a clínica psicanalítica em tempos de ascensão do ódio. **Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba**, n. 35, 2019.

DUNKER, C. **Lacan e a Democracia**. São Paulo: Boitempo, 2022.

DUNKER, C. *et al.* O Brasil no divã: psicanalistas decifram um país dividido e em busca de tratamento. **Instituto de psicologia da Universidade de São Paulo**. Publicado em 16/11/2022. Disponível em <https://www.ip.usp.br/site/noticia/o-brasil-no-diva-psicanalistas-decifram-um-pais-dividido-e-em-busca-de-tratamento/>. Acesso em 19/08/2023.

DUNKER, C. **Reinvenção da Intimidade – Políticas do Sofrimento Cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FERRI, H. M. A. N. *et al.* **Psicanálise e Pandemia**. São Paulo: Aller, 2020.

JORGE, M. A. C.; TRAVASSOS, N. **Histeria e Sexualidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MORI, M. E. A clínica psicanalítica: uma prática política. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v. 52, n. 3, p. 91-105, set 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X2018000300007&lng=pt&nrm=isso. Acesso em 26/08/2023.

PROJETO COMPROVA. **Portal Uol**. Uma iniciativa do UOL para checagem e esclarecimento de fatos. Publicado em 10/10/2022. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/comprova/ultimas-noticias/2022/10/10/lula-nao-tem-relacao-com-luciferianismo-nem-mcom-satanismo.htm>. Acesso em 26/08/2023.

QUINET, A. **A Política do Psicanalista**. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições, 2021.